

## Os atos de fala diretivos em livros de PLE: formulações indiretas e desatualizadores

### Directive Speech Acts in PFL books: indirect formulations and deactualizers

Patrícia Mariano Marcos<sup>1</sup>

*PPGEL, Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Paulo Pinheiro-Correa<sup>2</sup>

*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

#### RESUMO

Neste trabalho é analisado, nos diálogos de dois livros didáticos de português para estrangeiros, um tipo pragmático específico de estratégia de atenuação de solicitações, os procedimentos *substitutivos*: formulações indiretas e desatualizadores, tal como classificados por Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006). O trabalho se fundamenta na Teoria dos atos de fala (Austin, 1990; Searle, 2002), nos conceitos de face de Goffman (1980) e de polidez positiva e negativa, de Brown e Levinson (1987). Os resultados mostraram que as estratégias de atenuação incluíram formulações assertivas mais que interrogativas. Os resultados assinalam ainda deficiências no tratamento pragmático da questão nos livros analisados.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Pragmática. Polidez. Estratégias de atenuação. PLE

#### ABSTRACT

In this paper, a specific pragmatic type of request mitigation strategies is analyzed in the dialogues of two Portuguese textbooks for foreigners, namely, the substitutive procedures, as classified by Kerbrat-Orecchioni (2005, 2006). The work is based on speech acts theory (Austin, 1990; Searle, 2002), on Goffman's (1980) concept of face and on Brown and Levinson's (1987) concepts of positive and negative politeness. The results showed that mitigation strategies included assertive formulations more than interrogative. The results also point out failures in the pragmatic treatment of the issue in the books analyzed.

#### KEYWORDS:

Pragmatics. Politeness. Mitigation strategies. PFL

*Recebido em: 29/09/2021*

*Aceito em: 05/01/2022*

<sup>1</sup> E-mail: [patriciamariano@id.uff.br](mailto:patriciamariano@id.uff.br) | ORCID: : <https://orcid.org/0000-0002-5562-0130>

<sup>2</sup> E-mail: [papinheirocorrea@id.uff.br](mailto:papinheirocorrea@id.uff.br) | ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-0507-2049>

## 1. Introdução

Nesta pesquisa serão analisados os livros didáticos de português para estrangeiros *Bem Vindo e Fale Português*. O foco da análise estará nas estratégias de formulação e atenuação de solicitações apresentadas nos diálogos impressos nestes materiais. As solicitações foram analisadas como parte dos atos de fala diretivos, de acordo com Searle (2002).

A formulação destes atos de fala varia de acordo com a língua e a cultura em questão. Por isso, entendemos que para estudantes de língua adicional é necessário desenvolver uma competência comunicativa que lhes permita identificar as formulações pertinentes à língua em questão e isso envolve escolhas linguísticas, modos específicos de interação e noções de polidez, ou seja, conhecimento das “regras de trânsito da interação social” (GOFFMAN, 1980, p. 82).

Os pressupostos teóricos da pesquisa são a teoria dos atos de fala (Austin 1990 e Searle 2002) e os conceitos de construção da face de Goffman (1980), de polidez de Brown e Levinson (1987) e as estratégias de atenuação de atos de fala estudadas por Kerbrat-Orecchioni (2005 e 2006), que as divide entre estratégias substitutivas e estratégias acompanhantes. Com base nesses conceitos, serão analisadas, neste trabalho, as estratégias de atenuação de atos diretivos por meio dos procedimentos substitutivos<sup>3</sup>, com identificação das formulações mais utilizadas em cada um dos livros, a fim de diagnosticar como o assunto tem sido tratado em materiais de PLE.

A hipótese de partida é a de que as formulações interrogativas serão numericamente preponderantes no corpus constituído pelos manuais pelo fato de sua maior convencionalização na língua e por ser muito utilizada pelos falantes como estratégia de atenuação preferida ao uso de formas mais diretas, como a imperativa (MEYER, 2008, p. 5).

Serão discutidos na próxima seção as ordens e pedidos no corpus à luz da taxonomia pragmática dos atos de fala. Na seção (2) são descritas as formulações e estratégias de atenuação de solicitações presentes na literatura pertinente. Na seção (3) são tratados aspectos pragmáticos e comunicativos do insumo presente nos manuais de PLE. A metodologia é apresentada na seção (4) e, na seção (5), são apresentados os resultados e a discussão, que são seguidos da conclusão, em (6).

## 2. Atos de fala diretivos para solicitações

A Teoria dos atos de fala, cuja premissa é que todas as declarações constituem o

---

<sup>3</sup> Os procedimentos acompanhantes são tema de outro trabalho (MARCOS; PINHEIRO-CORREA, 2021a).

desempenho de uma ação, foi inicialmente desenvolvida por Austin (1990) e retomada por Searle (2002) que ampliou os estudos e elaborou uma classificação para esses atos, influenciando diretamente os estudos da interação. Segundo Searle, “falar uma língua é realizar atos de linguagem” (SEARLE, 2002, p.34), seja para afirmar, dar ordens, perguntar, prometer, entre outros. Desta classificação proposta por Searle, serão analisados neste trabalho uma parte dos atos que fazem parte do grupo dos atos diretivos. Os atos de fala diretivos (Doravante, AFD) constituem “tentativas por parte do locutor de mandar o auditor fazer alguma coisa” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.32) e podem variar de acordo com a intensidade empregada na apresentação do objetivo, configurando-se como convites, sugestões, ordens, exigências, dentre outros. Assim, este estudo circunscreve-se à classe de diretivos que envolvem formulações substitutivas para expressar solicitações.

De acordo com Oliveira (1995) “na realização de atos diretivos, há elocuições explícitas e diretas que definem quem tem o poder na relação. São formas diretas que negam a autonomia do interlocutor na interação”.

Esta autora aponta, ainda, diferentes graus de transparência na exposição da força ilocucionária. Ela define os atos diretivos diretos como aqueles que têm “maior grau de associação entre elocução e força ilocucionária” e exemplifica com frases formadas com o uso do imperativo. Já os atos diretivos indiretos, segundo a autora, “levam o leitor ao reconhecimento do ponto ilocucionário através de uma relação convencional ou inferencial em diferentes graus”, já que a intenção do falante não é claramente expressa no enunciado, ao contrário do que se percebe nas diretivas diretas (p. 74). Um exemplo é a situação em que o enunciador formula uma pergunta do tipo “Você pode?” ao alocutário, com a intenção de realizar o pedido.

O uso de um ato de fala diretivo pode interferir na harmonia da interação, pois, neste caso, o interlocutor tem sua liberdade de ação tolhida e sua face ameaçada (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.87), de maneira que o emprego do ato de fala diretivo constitui uma das maiores ameaças à face ou imagem social do alocutário. A depender da formulação escolhida pelo enunciador e das condições de realização, o grau de ameaça à face que estes atos apresentam varia, podendo constituir uma ameaça mais forte ou mais atenuada.

De acordo com o grau de polidez que se deseja alcançar, os atos de fala podem se apresentar direta ou indiretamente, numa tentativa de controlar a força ilocucionária expressa por eles para atender a função da polidez, podendo evidenciar ou atenuar o grau de imposição do enunciado.

A polidez pode ser entendida como uma das razões pelas quais um falante opta por usar a

---

forma indireta ou atenuada ao formular uma solicitação. Neste sentido, Searle (2002) considera a importância de o ouvinte ser capaz de fazer inferências e compartilhar informações em um contexto cultural ou social compartilhado com o falante, para que os atos de fala indiretos sejam compreendidos da maneira esperada. No próximo tópico será discutida a noção de polidez nos contextos de interação social.

### 2.1. A Teoria da polidez e elaboração da face

A escolha que o falante faz dos atos de fala a serem usados em um enunciado diz muito sobre o tipo de relação que o falante tem com seu interlocutor, reflete suas posições hierárquicas e demonstra se busca o efeito de ser gentil, de criticar, de elogiar, de ofender, entre outros. Esses aspectos são apreendidos por meio do conceito de faces definido por Goffman (1980) como o valor social positivo que uma pessoa reclama para si, e esta face pode ser ameaçada de acordo com o ato a ser proferido. Assim,

a decisão de optar por uma forma linguística mais ou menos direta e transparente dependerá da avaliação do grau de ameaça de um ato, em função da distância social entre os participantes (grau de conhecimento/ intimidade), do maior poder do ouvinte sobre o falante (status hierárquico) e do grau de imposição (teor de risco definido culturalmente para um ato de ameaça à face numa dada situação) (OLIVEIRA, 1995, p.74).

Interagir em uma situação comunicativa é selecionar os atos que vão ao encontro dos efeitos de sentido procurados pelo falante, levando em conta o nível de relacionamento que este tem com seu interlocutor, bem como a adequação ao contexto de fala. Para isto são consideradas noções pragmáticas fundamentais, como a de que “linguagem é ação”, dentro dos parâmetros comunicativos: o falante (quem fala), o ouvinte (com quem se fala) e o contexto (quando/onde se fala). Desta maneira, na seção seguinte, serão tratados os princípios que regem a polidez, conceito fundamental para uma descrição efetiva das trocas comunicativas.

Em uma situação de interação, a polidez se mostra essencial para que a harmonia dessa relação seja preservada. Entretanto, pensar em um conceito de polidez é compreender que seu significado é diferente para pessoas, culturas e línguas diversas. Para Brown (2017), em termos gerais, a polidez se refere a um discurso e comportamento corretos ou adequados socialmente, e os estudos deste conceito dão atenção para a sensibilidade interacional de um discurso e comportamento que possa atender às expectativas daqueles que participam da interação, para que esta proceda suavemente (p.383). Diante do exposto, a polidez se encontra no âmbito dos fenômenos sociais e, ao trazê-la para o âmbito da linguística, podemos associá-la às estratégias de

---

atenuação, que funcionam no discurso como uma maneira de “preservar as relações entre os interlocutores, de conseguir o acordo ou a aceitação do outro inclusive, quando seja esta apenas uma aceitação social” (BRIZ, 2013, p.37).

A teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), e a noção de face de Goffman (1980), se conectam pelo fato de que, com a polidez, emerge a ideia de que todos nós temos uma autoimagem de como queremos ser vistos publicamente: a face.

Segundo Goffman:

o termo face pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma. (...) Face é uma imagem do self delineada em termos de atributos sociais aprovados – embora se trate de uma imagem que pode ser partilhada por outros, como quando a pessoa consegue fazer uma boa exibição profissional ou religiosa fazendo uma boa exibição para si mesma (1980, p. 77).

Kerbrat-Orecchioni, por sua vez, afirma que a teoria da polidez “baseia-se na ideia de que todo indivíduo é movido pelo desejo de ver preservados seu ‘território’ (corporal, material, espacial, temporal ou mental) e sua ‘face’” (2005, p.87). Esta tentativa de preservar a face se deve ao fato de que em uma interação, ao usar determinados atos de fala, os indivíduos estão constantemente suscetíveis a ameaças de suas faces. Isto é uma característica de qualquer interação, ainda que a ameaça das faces é mais perceptível, como aquelas que envolvem assuntos delicados ou difíceis e também quando se fazem pedidos ao ouvinte.

Brown e Levinson (1987) ampliam o conceito de Goffman (1980) e estabelecem uma diferenciação nos tipos de face: a face positiva e a face negativa. A primeira está relacionada ao desejo que nutrimos de sermos respeitados, admirados e estimados pelas pessoas, ou seja, o desejo de sermos vistos através de uma perspectiva positiva e também pertencentes e conectados a um grupo. Já a face negativa revela que almejamos ser livres de imposições, queremos autonomia para que possamos fazer escolhas, e, caso contrário, quando não vemos atendido nosso desejo de autonomia e liberdade, o que sobressai é a ideia de que houve a diminuição de nosso papel social e de nossa posição em relação a um grupo.

Em uma interação, os participantes estão a todo tempo realizando diferentes atos de fala, e alguns deles podem ser ameaçadores para uma ou ambas as faces. Observando esse aspecto ameaçador dos atos de fala, Brown e Levinson caracterizam esse tipo de ato como FTA (face threatening act), ato ameaçador da face.

Segundo Kerbrat-Orecchioni, esses atos se subdividem em quatro categorias:

---

1. Atos que ameaçam a face negativa do emissor, pois podem lesar seu próprio território,

como a promessa, por exemplo;

2. Atos que ameaçam a face positiva do emissor, neste caso são autodegradantes, como a confissão ou autocrítica;

3. Atos que ameaçam a face negativa do receptor, como exemplos podemos destacar as perguntas indiscretas e as ordens;

4. Atos que ameaçam a face positiva do receptor, uma vez que colocam o narcisismo alheio em risco, como as críticas e os insultos (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 79).

Tendo em mente o nível de gravidade da ameaça, a distância social entre os interlocutores e a relação de poder entre eles, os interlocutores, ao escolherem um ato de fala a ser proferido, vão fazer uso da polidez como “um meio de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 81), e para isso, os falantes lançam mão de diferentes estratégias de atenuação para a proteção das faces, que podem assumir um cunho verbal – com o uso de atos indiretos, expressões reparadoras (pedidos de desculpas/justificação), procedimentos suavizadores, minimizadores, desarmadores ou aduladores (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.88), ou não verbal, como alterações prosódicas, um sorriso, um gesto e etc.

Em virtude destes conceitos de face positiva e negativa, dividem-se também as estratégias de proteção das faces:

1. Polidez positiva: tem natureza produtiva e faz o uso de atos de fala valorizantes da face e reforça-os;

2. Polidez negativa: tem natureza abstencionista e compensatória, consiste em evitar o uso de atos de fala ameaçadores da face e, caso use, é produzido de forma mais branda, recorrendo a estratégias atenuadoras.

Reafirmamos que a polidez, neste contexto, se revela como uma tentativa de interagir em uma situação comunicativa sem colocar as faces (do locutor e do ouvinte) em situação de ameaça. Deste modo, ao recorrer a formulações e estratégias que preservem as faces, os falantes almejam ter sucesso em uma interação, mas, para isso, é essencial ter o domínio dessas estruturas. Brown (2017) aponta cinco tipos gerais de estratégias de polidez empregadas pelo enunciador levantadas nos estudos de Brown e Levinson (1987):

1. Evitar o ato ameaçador completamente.
  2. Realizá-lo indiretamente.
-

3. Realizá-lo abruptamente (sem ação corretiva)
4. Realizá-lo com reparação positiva (face positiva do ouvinte)
5. Realizá-lo com reparação negativa (evitar imposição, respeitar o espaço...)

O uso dessas estratégias depende de alguns fatores enumerados por Kerbrat-Orecchioni (2005):

1. O grau de ameaça do ato, portanto,
2. A distância social (D) entre os interlocutores;
3. A relação de “poder” (P).

Considerando estes fatores, a autora conclui que “a polidez de um enunciado deve, em princípio, crescer, ao mesmo tempo, que D, P e o ‘peso’ do FTA” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.81). Assim, “para níveis baixos de ameaça, a polidez positiva é mais apropriada; para níveis mais altos, é necessária a polidez negativa; para ameaças mais altas, realizá-lo indiretamente é uma opção mais segura” (BROWN, 2017, p. 387).

Neste estudo priorizaremos a polidez negativa e as formulações substitutivas para atenuação de solicitações, tendo nosso olhar voltado para como o português do Brasil é apresentado nos referidos livros didáticos de PLE, considerando que, apesar de universais, tais formulações e seleções dos atos de fala apresentam inúmeras diferenças, de acordo com a cultura de cada grupo social.

### **3. Formulações e estratégias de atenuação de solicitações e reflexões sobre o uso dos atos de fala diretivos no PB**

Quanto às categorias dos atos de fala, utilizaremos a divisão proposta por Searle (1982) em cinco tipos diferentes: assertivos, diretivos, promissivos, expressivos e declarativos. Como já mencionamos, esta pesquisa tem como foco os atos de fala diretivos, sendo assim, neste tópico procuraremos avaliar como esses atos podem ser formulados e atenuados pelos falantes do PB.

Um ato de fala diretivo tem como propósito ilocucionário levar o ouvinte a realizar uma ação, ou seja, ao proferir um ato desse tipo, o falante quer que seu interlocutor faça algo. Como exemplos de atos diretivos temos: convites, conselhos, solicitações. Dentre os diferentes tipos de diretivos, os que nos interessam neste estudo são as solicitações.

Ao observar livros didáticos e gramáticas, notamos que ao tratar das formulações para

---

solicitações, o modo verbal imperativo é amplamente associado como principal modelo para esse ato de fala. Porém, reduzir as solicitações a esse modo verbal não dá conta das nuances pragmáticas que permitem criar diferentes formulações. Para elucidar essa questão recorreremos à citação presente no estudo de Kerbrat-Orecchioni (2006) sobre formulações de solicitações que foi traduzido e adaptado ao português:

a língua portuguesa põe à nossa disposição uma forma, o modo imperativo, reservada exclusivamente para expressar esse ato ilocucionário. Ora, os falantes recorrem, de fato, muito raramente a essa forma modal preferindo meios mais indiretos – em vez de “Feche a porta!”, diríamos de modo mais natural: “Você pode fechar a porta?”, “Você poderia fechar a porta?”, “Eu gostaria que você fechasse a porta”, ou até mesmo “Tem uma corrente de ar aqui, né?” (p. 85).

Como explicitado nas seções anteriores, a formulação direta é um ato ameaçador da face negativa do ouvinte, ou seja, de seu desejo de ser livre de imposições, portanto, a atenuação se apresenta como uma forma mais polida de construir esse ato, ao preservar a autonomia do receptor.

Os preceitos da polidez negativa, de modo geral, consistem em evitar a realização de um ato que corre o risco de ser ameaçador para o destinatário, mas, nem sempre é possível. Neste caso, em que o falante profere este ato, a polidez oferece a estratégia de formulá-lo de maneira atenuada, fazendo uso dos procedimentos nomeados por Brown e Levinson de *softeners* (suavizadores) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 84 e 85).

Esta autora divide as estratégias de atenuação em dois tipos de *procedimentos*: Os procedimentos *acompanhantes* e os procedimentos *substitutivos*.

Procedimentos acompanhantes. Estes consistem de itens lexicais que são acrescentados a uma base oracional que pode ser imperativa, declarativa ou interrogativa, convertendo-a em um ato de fala atenuado. Estes têm diferentes efeitos mitigadores da ameaça às faces contidas no ato de fala. Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 84-90) os divide em 8 tipos: (a) enunciados preliminares, (b) justificações; (c) moderadores; (d) minimizadores; (e) desarmadores; (f) modalizadores; (g) adutores e (h) suavizadores.<sup>4</sup>

Procedimentos substitutivos. Estes se caracterizam por uma formulação do ato de fala

---

4 Os procedimentos acompanhantes não serão analisados neste trabalho.



diretivo (AFD) alternativa à ordem, de formas verbais no modo imperativo. Estes são considerados um tipo de atenuação de natureza estrutural, uma vez que o AFD já é enunciado com força ilocucionária diferente da de ordem. Esses procedimentos são os seguintes:

### 1. Formulações indiretas: interrogativas e assertivas

Os atos de fala nem sempre apresentam uma correspondência direta entre o significante e o significado, assim, um único ato pode se apresentar de diferentes modos e apresentar diversos valores ilocutórios. Por exemplo, associam-se as frases interrogativas a uma pergunta, as imperativas a uma ordem e declarativas a uma asserção, mas nem sempre essas estruturas vão exprimir o mesmo significado relacionado originalmente a elas, a forma e a função se diferenciam na construção do significado, assim, quando um ato de fala é formulado sob a aparência de outro, estamos diante de um ato de fala indireto.

Portanto, um ato de fala quando é formulado por meio de estruturas linguísticas específicas para determinado fim, é classificado como direto. Já os indiretos são formulados por meio de empréstimos de estrutura de um ato de fala de outro tipo.

Muitas são as motivações que levam o falante a optar por formulações indiretas, a polidez, o tipo de relação que nutre com seu interlocutor, o grau de ameaça à face proposto pelo ato a ser proferido e também os papéis e expectativas de comportamento social. Assim, “quando um superior escolhe solicitar e não ordenar/mandar, ele elaboradamente indica que o receptor não tem que atender seus desejos. Mas, ao mesmo tempo, ele tem confiança de que o outro assim o fará” (WIERZBICKA, 1987 apud OLIVEIRA, 1995, p.81).

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2005, p.88), a escolha por formulações indiretas ou suavizadas é explicada pela polidez, e “essas formulações alambicadas implicam um custo adicional que é muito amplamente compensado pelo benefício psicológico que elas fornecem aos parceiros presentes”, ou seja, observamos que cada uma delas carrega consigo uma “carga pragmática” que deve ser interpretada, e tudo isso é cultural e está associado ao modo de agir e pensar de uma sociedade. Assim, somado aos conhecimentos linguísticos, estão os saberes não linguísticos partilhados pelos interlocutores e também o uso de recursos como a inferência por parte do ouvinte para que possa interpretar a intencionalidade por trás das formulações indiretas.

A ordem, por exemplo, é um ato ameaçador da face do destinatário, portanto, é muitas vezes substituída por um ato menos impositivo, como a pergunta. Desta forma, o ato é proferido, mas a ameaça é suavizada. E em vez de “Feche a porta”, temos “Você pode fechar a porta?”.

---

Deste modo, ao recorrer à formulação indireta há uma preocupação com a polidez. A formulação indireta interrogativa para solicitações é convencionalizada na língua e seu conhecimento é de domínio geral, como podemos observar nos enunciados apresentados por Searle (2002): “Você pararia de pisar no meu pé?”, “Você estaria disposto a escrever uma carta de recomendação para mim?” e “Por que não parar aqui?”.

Ao comparar os enunciados “Você pode me passar o sal?” e “Está com pouco sal”, Kerbrat-Orecchioni (2005) retoma os enunciados apresentados por Searle (1982) e comenta o valor convencional ou não convencional das solicitações. No primeiro exemplo, a pergunta é marcada pelo emprego de uma formulação interrogativa, mas na realidade o locutor não está perguntando sobre a capacidade de o ouvinte lhe passar o sal, mas sim de levar seu interlocutor a realizar a ação de lhe passar o sal. Searle (1982) comenta que se trata de uma solicitação convencional porque “neste caso é preciso muita habilidade para imaginar uma situação na qual a enunciação não seria um pedido” (p.72). Já o segundo exemplo “Está com pouco sal”, o ouvinte poderia responder “Para mim, está bom assim”, não interpretando esta asserção como um pedido, mas sim como um comentário, o que nos faz pensar sobre o caráter não convencional desta formulação.

As asserções também são exemplos de formulação indireta. Este tipo de formulação é um caso à parte, pois “embora sua força ilocucionária seja direta, dada a natureza convencional de forma de elocução, declarativas de necessidade e vontade não são tão explícitas quanto uma ordem” (OLIVEIRA, 2005, p.82). E, além disso, seu valor de solicitação não é convencional, ao contrário da pergunta, por exemplo.

As formulações assertivas podem ser divididas em subcategorias:

Afirmção de um desejo, como na sentença “Eu quero que você fique aqui”, podendo ser atenuada pelos desatualizadores modais/temporais: “Eu queria”, “Eu gostaria”.

Afirmção de uma obrigação: “Você tem que fechar a porta”.

Constatação sobre um estado de coisas: “A porta está aberta”, neste caso recorre-se à premissa de que o ouvinte será capaz de realizar inferências.

Sobre as formulações assertivas, Kerbrat-Orecchioni (2005) observa situações em que dizer é também fazer várias coisas ao mesmo tempo. Assim, no caso das asserções, pode ser “informar sobre um fato e suscitar uma conduta”. Para exemplificação a autora toma o enunciado “Está fazendo uma corrente de ar”, que pode caracterizar uma constatação, uma reclamação, uma

solicitação ou tudo isso ao mesmo tempo, concluindo que “os enunciados podem comportar diversos valores superpostos” (p.48).

Kerbrat-Orecchioni (2005) fala sobre a importância dos dados contextuais que podem variar de acordo com a convencionalidade ou não convencionalidade de determinada formulação. Portanto, quanto maior o valor convencional, menos dependerá do contexto.

Diante disso, a autora apresenta o enunciado “Eu queria uma cerveja bem gelada!”, o entendimento desta asserção como uma solicitação dependerá do contexto em que está sendo empregado. Se esta frase é dita em meio ao deserto e direcionada a outra pessoa na mesma situação, sua interpretação será apenas a asserção de um desejo. Mas, se dita em um bar e direcionada ao garçom, seu valor de solicitação é inquestionável. Assim, conclui que “toda asserção de um desejo, enunciada diante de um destinatário que tem a possibilidade de satisfazer o desejo em questão, vale indiretamente como uma solicitação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.57).

Entendemos que o valor de solicitação se relaciona à verbalização da intenção atrelada à produção deste enunciado. Assim, em uma situação à mesa, os enunciados “Isso me deu sede”, “Está faltando sal” e “não tenho garfo” equivalem a “Passe-me a água/o sal/ um garfo”. Segundo Grunig (1985), “a busca do porquê do dizer é parte integrante, fundamental, sempre presente, da interpretação” (GRUNIG, 1985, p.18 apud KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 55).

## 2. Desatualizadores: modal, temporal e pessoal

Esta categoria se divide em três tipos: modais, temporais e pessoais. Eles têm como função provocar o efeito discursivo de distanciamento do interlocutor em relação ao ato ameaçador das faces. O desfoque pode ser da modalidade, temporal e da pessoalidade/impessoalidade.

O uso dos desatualizadores modal e temporal causa um desfoque temporal, por meio do uso do futuro do pretérito e passado de polidez, como nos exemplos: “Você poderia fechar a porta?” e “Eu queria te pedir que...”.

Rebello (2014, p.1139), analisando as estruturas de solicitação no PB, discute a importância do professor de PLE se ocupar das questões pragmáticas que envolvem essas construções, e ir além do ensino das estruturas verbais do futuro do pretérito e pretérito imperfeito e “deixar claro para o aluno que formular pedidos com verbos nesse tempo verbal pode deixar expresso um distanciamento entre os interlocutores e a intenção do interlocutor de expressar polidez”.

O uso do desatualizador pessoal é uma estratégia de atenuação cujo objetivo é apagar ou reduzir o próprio papel do locutor, pois tira o foco do falante e o afasta da responsabilidade direta

---

pelo ato emitido. Esse apagamento da referência direta ao enunciador pode ser feito pelo emprego da voz passiva, do verbo impessoal ou presença de indefinidos (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, P.86).

Nos exemplos “O problema não foi resolvido corretamente” e “Não se fuma aqui” há um tratamento impessoal do falante, ocultando-o no discurso por meio do desfoque pessoal, assim, o locutor tem a estratégia de “velar por si mesmo”, isto é, para salvaguardar o ‘eu’ (locutor), isto é, buscar não se responsabilizar ou minorar as responsabilidades ou, ainda, ser politicamente correto no momento de falar” (BRIZ, 2013, p. 286).

#### **4. Aspectos pragmáticos e comunicativos no ensino de PLE**

O crescimento dos estudos da pragmática, nos anos 70, contribuiu para novos métodos de pensar a linguagem, e isto favoreceu o aparecimento de diversas abordagens de ensino e aprendizagem de idiomas. A abordagem comunicativa, por exemplo, surge neste período e apresenta uma prática em que se prioriza o ensino da oralidade e das relações socioculturais nos contextos reais de fala, almejando desenvolvimento de habilidades necessárias para que o aprendiz possa se comunicar nas mais diversas situações, defendendo a ideia de que é importante “assegurar o ensino de língua como comunicação e não como um depósito de formas que poderão nunca vir a ocorrer na vida real” (WIDDOWSON, 2005, p. 32).

Porém, observando diálogos impressos em livros didáticos de PLE, Marcuschi (2003, p.15 e 17) questiona que este gênero cria um protótipo da fala, não se trata de uma transcrição da fala natural, mas de interações elaboradas com finalidade de exemplificar e praticar as estruturas didáticas presentes no material. Assim, o autor, ao pesquisar diferentes manuais, chegou à conclusão de que, “o que se apresenta como oralidade é uma escrita informal e um diálogo artificial com uma série de expressões de polidez pouco usuais e forçadas” e que “por fala entendeu-se apenas a oralização e não a produção oral em seus contextos naturais”, assim, demonstra, por meio de sua pesquisa, a presença de poucos materiais que tragam transcrições de fala em contexto real de produção. Diante desta situação, o autor levanta algumas premissas básicas para a eficácia do ensino de idiomas, que cito a seguir:

1. É importante ter uma concepção de língua não centrada no código, mas uma visão da língua como atividade sociointerativa;
  2. é necessário propor tarefas reais que possam ser exequíveis e que façam sentido para os
-

estudantes;

3. é esperado que o aprendiz seja sensibilizado para os modos de produção de sentido na língua a ser estudada dentro de condições reais de uso (p.22).

Widdowson (2005, p.81) afirma a importância de materiais voltados para comunicação, ao observar que parte numerosa dos livros didáticos para estrangeiros traz uma visão da língua a ser aprendida desconectada de uma necessidade comunicativa concreta. Ela é apresentada “em contextos criados unicamente como um meio de ensino da língua” e como consequência desta abordagem, a língua estrangeira (LE) é apresentada “como um fenômeno de uma espécie diferente da língua materna, um construto artificial desligado das funções que normalmente uma primeira língua desempenha. Não conta como discurso: é tão somente língua em exposição”.

Esta visão da língua como aparato gramatical se torna problemática na medida em que o que se apresenta é distante da fala real e a escassez de insumos autênticos é um agravante, Marcuschi (2003) em sua pesquisa sobre livros didáticos observa que

há fatores curiosos no uso oral do português brasileiro que se prendem a elementos etnográficos bastante definidos. Há um livro de português como segunda língua que põe a expressão ‘por favor’ a cada dois atos de fala. Isto sobrecarrega a fala de tal modo que ela se torna completamente artificial e a expressão ao invés de polida fica aborrecida. Convém distinguir entre polidez e afetação por excesso de marcas de atenção (MARCUSCHI, 2003, p.31).

Sobre essa questão, Brown (2017) afirma que o uso de fórmulas intrinsecamente educadas do inglês, como exemplo “por favor” e “obrigado”, não garantem que o enunciado seja polido; o mesmo pode ser observado no português. Portanto, evidencia a importância de oferecer insumos aos alunos que mostrem outras formas de produzir enunciados também polidos. Ao comparar diferentes línguas, Kepp (2003), cronista americano e observador da cultura brasileira, vê as expressões de polidez como algo utilizado em todas as culturas para “lubrificar a engrenagem da máquina social” (p.193).

Citando os atos de fala de solicitações como muito comuns no dia a dia, Marcuschi (2003) observa que

esses atos estão ligados a formas de produção que não se limitam a regularidades ou traços entoacionais, mas a formas de organização e, em especial, estratégias de formulação que no português brasileiro variam de maneira acentuada em relação a outras línguas (p. 31).

---

Para exemplificar estas estratégias de formulação no PB, citamos as observações de Kepp (2003) sobre o uso da polidez pelos brasileiros:

Embora os brasileiros à mesa digam apenas ‘me dá’ ou ‘me passa’ para pedir um prato, eles frequentemente deixam implícita sua cortesia, conferindo às frases uma entonação de quem está pedindo. Um brasileiro num botequim não pede uma porção grande de alguma coisa com um ‘por favor’, mas com uma piscadela e um ‘no capricho’ dito em tom sedutor (p.194).

Com uma visão mais pragmática é plausível que nos livros didáticos haja a sensibilidade para expor nuances características do falar cotidiano, apresentando uma abordagem da língua voltada para a ideia de que a “fala é socialmente organizada” e funciona como um “pequeno sistema de ações face a face que são mutualmente ratificadas e ritualmente governadas” (Goffman, 1980, p.19), portanto tudo que pode ser considerado valorizador ou ameaçador é reflexo da cultura. Diante disso, os estudos pragmáticos se mostram interessantes, e teorias como a dos atos de fala funcionam como uma fonte de dados para essa compreensão.

## **5. Metodologia e corpus para análise dos dados**

---

O corpus é formado por dois manuais de ensino de PLE:

(a) *Bem Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação* (SBS, S. Paulo), de 1999. De autoria de Maria Harumi De Ponce, Silvia Andrade Burim e Susanna Florissi. Considerado referência no ensino de PLE, com mais de 200 mil exemplares vendidos no Brasil e no exterior, conta com 20 unidades. A edição analisada é de 2010, com 220 páginas.

(b) *Fale Português*, de 2016, elaborado pelas mesmas autoras do livro *Bem Vindo!* (Hub Editorial, S. Paulo), consta de 2 volumes. O volume 1 apresenta 10 unidades e cada uma delas também é iniciada com diálogos. Os diálogos analisados serão os do vol. 1, que apresenta 10 unidades, porque nele que se encontram as unidades dedicadas a solicitações. A edição analisada é a de 2016, com 100 páginas.

A partir da escolha dos materiais, foram verificados os atos de fala diretivos para solicitações apresentados como representativos do PB nesses manuais. A pesquisa se desenvolveu por meio das seguintes etapas:

Seleção dos diálogos impressos que apresentaram atos de fala diretivos para solicitações;

Classificação destes de acordo com a sua formulação;

Identificação dos procedimentos de atenuação utilizados em cada formulação;

Cotejo dos resultados em cada material e distribuição dos procedimentos atenuadores substitutivos em cada um dos livros analisados.

## **6. Resultados e discussão**

---

Nesta seção são apresentados os resultados da análise dos procedimentos de atenuação substitutivos encontrados no corpus.

Do livro *Bem Vindo*, foram obtidos 108 dados de estratégias atenuadoras em 91 Atos de fala diretivos. O número de estratégias é maior que o de atos de fala devido ao fato de que houve atos de fala que apresentaram mais de uma estratégia. Dentre as estratégias atenuadoras, o corpus analisado referente ao livro *Bem Vindo* consistiu dos 57 tokens correspondentes a procedimentos atenuadores substitutivos, não sendo analisados neste trabalho os procedimentos atenuadores acompanhantes.

Já do *Fale Português*, foram obtidos 49 dados de estratégias atenuadoras em 15 AFD. Dentre as estratégias atenuadoras, o corpus analisado referente ao livro *Bem Vindo* consistiu dos 17 tokens correspondentes a procedimentos atenuadores substitutivos, não tendo sido analisados neste trabalho, da mesma forma, os procedimentos atenuadores acompanhantes deste manual.

### 6.1. Formulações interrogativas

As formulações indiretas enunciadas como pergunta substituem uma ordem direta, que constitui uma ameaça à face. É empregada “essa espécie de eufemismo sintático representado pela formulação indireta [que] permite suavizar (‘polir’) as arestas do duplo FTA, que sem isso seriam demasiadamente agudas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.90). Assim, ao formular uma solicitação na aparência de uma pergunta, substitui-se uma forma direta por outra menos impositiva e, portanto, mais polida.

#### *Bem Vindo*

A formulação indireta na forma interrogativa aparece em 3 diálogos do livro *Bem Vindo*, e, em todos os casos, a estrutura se apresenta como uma pergunta sobre a possibilidade que o destinatário tem de realizar o ato emitido pelo falante. Os diálogos “Na recepção de um hotel” (p.51) e “No quarto” (p.51) são ambientados em um hotel, o primeiro exemplo é proferido pelo recepcionista, dirigindo-se ao cliente: “Poderia mostrar-me também algum documento de identidade, por favor?”, a solicitação é construída indiretamente em forma de pergunta, combinada com o desatualizador modal (verbo no futuro do pretérito) e o moderador (“por favor”). Esta combinação de atenuadores demonstra a preocupação em ser mais polido e solícito com o cliente. No exemplo 2, a solicitação é emitida pelo cliente e direcionada ao funcionário do hotel: “O café da manhã pode ser servido no quarto?”. Neste ato há combinação da formulação

---



interrogativa com o verbo modalizador “poder” no presente do indicativo. No diálogo “Uma entrevista” (p.131) a interação se dá em um escritório, é uma entrevista entre o recrutador e o candidato à vaga de emprego, que ao solicitar que o candidato faça uma redação, expressa o interesse em saber a possibilidade de este atender seu pedido sem que com isso pareça autoritário: “Você se incomodaria em fazê-la em inglês?”. Assim, ao fazer esta pergunta, o recrutador protege a face do receptor ao deixá-lo livre da imposição. Deste modo, “quando um superior escolhe solicitar e não ordenar/mandar, ele elaboradamente indica que o receptor não tem que atender seus desejos. Mas, ao mesmo tempo, ele tem confiança de que o outro assim o fará” (WIERZBICKA, 1987 apud OLIVEIRA, 1995, p.81), neste caso, a ordem direta é evitada, na busca de alcançar melhor efeito persuasivo.

### *Fale Português*

A formulação interrogativa para atos de fala de solicitação foi utilizada em 4 diálogos de *Fale Português*. O diálogo “Procurando um apartamento” (p.26) acontece em uma imobiliária, o corretor pede o e-mail do cliente e constrói sua formulação de maneira indireta, revelando uma formalidade e polidez requeridas no ambiente de trabalho e na interação com clientes: “O senhor pode deixar seu telefone?”.

O diálogo “Preparativos para a festa de Réveillon” (p.51) apresenta interações entre amigos e familiares, pessoas com maior grau de familiaridade. Neste tipo de contexto, o valor ilocutório do ato varia, podendo equivaler a um convite/sugestão, como em “Nicole, vamos organizar um Réveillon bem brasileiro?” e “Vamos brindar ao novo ano e tirar a barriga da miséria?”. Nestes casos, a formulação interrogativa perde o valor de uma solicitação.

Em outro exemplo do mesmo diálogo, a formulação interrogativa se configura como um pedido mais atenuado, empregado com o propósito de verificar a possibilidade de que o receptor atenda a solicitação: “Nicole, você pode preparar o molho vinagrete, a farofa e a salada verde?” neste exemplo, além da forma interrogativa, o uso do verbo “poder” como modalizador suaviza ainda mais a solicitação. Já no exemplo “Você liga para aquele rapaz da agência de turismo?”, retirado do diálogo “Escolhendo roteiros turísticos” (p.83), a forma interrogativa foi usada como atenuadora da forma imperativa. Dada a aproximação dos participantes e a simplicidade do pedido, o locutor não se utiliza de outros atenuadores (morfossintáticos ou lexicais) além da formulação interrogativa, que no material é marcada graficamente pelo ponto de interrogação, e que corresponde à prosódia da interrogação não-marcada no registro oral do dado.

## 6.2. Asserções

Pelo uso das asserções “o locutor não diz ao ouvinte o que ele deve fazer; ele o informa simplesmente sobre um fato e deixa que ele próprio decida o que há a fazer; mas, naturalmente, o locutor falou para que o ouvinte tomasse uma decisão” (BUYSSSENS, 1970, p.711 apud KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p.47). Assim, quando o locutor profere este tipo de enunciado, ele espera que seu ouvinte possa inferir e reagir a sua solicitação, que apesar de ter uma força ilocutória direta nestes casos, não se mostra explícita como uma ordem (OLIVEIRA, 1995, p.82).

### *Bem Vindo*

O livro *Bem Vindo* apresenta 10 diálogos em que podemos observar os atos de fala diretivos construídos por meio de uma asserção. Em 7 desses diálogos, selecionamos exemplos de solicitações formuladas com asserções de desejo, neste caso as sequências são elaboradas com os verbos “querer” no presente do indicativo (“eu quero”) ou no imperfeito do indicativo (“eu queria”) e o verbo “gostar” no futuro do pretérito (“eu gostaria”), assim, 3 variantes apresentam diferentes graus de distanciamento entre os interlocutores e de proteção das faces dos participantes da comunicação.

Os diálogos “No mercado” (p.41) “Quero 250g de presunto!” e “No correio” (p.61) “Quero cinco selos nacionais e cinco internacionais” são asserções iniciadas com “eu quero”, que apesar de indiretas podem ter ares muito autoritários, Kerbrat-Orecchioni (2005, p.117) classifica esse tipo de formulação como “brutal”, porém, em condições de compra e venda em lojas, o caráter ameaçador dos atos diretivos para solicitações, tanto ordens como pedidos, é anulado, pois nesses contextos é esperado que ocorram solicitações, mas, ainda assim, é comum que sejam atenuadas, o que não ocorre nos exemplos citados acima.

O diálogo “Ao telefone” (p.91) “Queria falar com a Marisa” é o único no qual o uso do passado de polidez “queria” é verificado, pois, de acordo com o contexto do diálogo que se dá ao telefone, o locutor, ao contatar uma amiga, formula sua solicitação de maneira que podemos observar um menor distanciamento, em relação ao uso de outros tempos verbais e, ao mesmo tempo, uma preocupação com a polidez. Já nos diálogos em que as formulações para solicitação foram criadas com o futuro do pretérito “gostaria”, observamos maior distanciamento e polidez se comparado com a forma “queria”.

Os exemplos “gostaria de enviar esta carta para o México” (p.61), “gostaríamos de dar uma olhadinha nos apartamentos” (p.83), “gostaria de falar com o gerente” (p.91) e “gostaria de fazer

---

uma consulta com um ginecologista” (p.111) ocorrem em situações de atendimento no correio, na imobiliária, ao telefone em comunicação com o banco e no consultório médico, de maneira que o uso do futuro do pretérito apareceu associado a situações em que há maior distanciamento entre os interlocutores e, portanto, maior polidez.

Outros exemplos também formulados com o “gostaria”, porém, com uma formulação que se aproxima de um pré-pedido: “Gostaria de pedir que você fizesse uma redação” (p.131) e “Gostaria de pedir informações sobre o seminário da próxima semana” (p.67), preparam o ouvinte para a solicitação que se seguirá, protegendo as faces de ambos, locutor e ouvinte.

Outro tipo de asserção é a formulação declarativa que não explicita um desejo, como podemos observar nos seguintes enunciados retirados do diálogo “Na feira” (p.41): “hoje vou levar 1 pé de alface e 2 maços de espinafre” e “vou levar também 3 cachos de uvas e 2 caixas de morangos”, os pedidos estão “disfarçados” de asserções, como também no exemplo “bem, eu prefiro bife no lugar de frango” do diálogo “No restaurante” (p.71) em que, ao se dirigir ao garçom no restaurante, o cliente declara sua preferência, e ao fazê-lo, está indiretamente fazendo um pedido.

### *Fale Português*

No livro *Fale Português* encontramos 4 diálogos em que observamos atos de fala de solicitações formulados com asserções. Em 2 exemplos, retirados dos diálogos “Sem título” (p.5) e “Deixando e recebendo recados” (p.34) verificamos asserções de desejo: “eu quero um café puro e um sanduíche de mortadela” e “gostaria de saber qual é a desculpa para o seu atraso” que podem ser interpretadas como um comando, uma vez que implicam uma ação a ser realizada pelo ouvinte (OLIVEIRA, 1995, p.82).

Nos diálogos “De manhã, antes de sair” (p.21) e “Procurando um apartamento” (p.26) verificamos asserções de declaração: “o café está pronto”, “não estou encontrando minha gravata vermelha” e “estou procurando um apartamento pequeno e barato, próximo de uma estação de metrô”, nesses exemplos de declarativas, os locutores “fazem referências mais ou menos vagas a elementos ou condições envolvidos no pedido oferecem pistas para o interlocutor interpretar, através de inferências mais ou menos complexas, a força ilocucionária pretendida” (OLIVEIRA, 1995, p.83). Deste modo, ao declarar que o café está pronto e que não encontra a gravata, os locutores estão, na verdade, pedindo que seu interlocutor vá tomar o café e o ajude a encontrar a gravata respectivamente. Já o exemplo “Estou procurando um apartamento pequeno e barato, próximo de uma estação de metrô” (p.26) é bem mais convencional, uma vez que se passa em

uma imobiliária, portanto espera-se que o cliente queira ver apartamentos e casas.

### 6.3. Desatualizadores

#### 6.3.1. Desatualizadores modal/temporal

Os desatualizadores, modal e temporal, são empregados em função da polidez ao distanciar a realização do ato ameaçador das faces. O desatualizador modal se configura pelo uso do futuro do pretérito, e o desatualizador temporal, pelo uso do passado de polidez, comum no PB por meio do emprego dos verbos “querer” e “poder” no imperfeito. A escolha dessas estratégias está relacionada a aspectos como a distância social, a hierarquia e estratégias de polidez que se deseja alcançar ao emitir um ato de fala diretivo.

No próximo tópico veremos como os livros didáticos selecionados tratam dessas formulações ao apresentá-las nos diálogos impressos nos materiais.

#### *Bem Vindo*

O livro *Bem Vindo* apresenta 7 diálogos em que se utilizam os desatualizadores. Em 6 deles encontramos o desatualizador modal (“gostaria” e “poderia”) e em 1 deles o desatualizador temporal (“queria”), observamos um total de 12 realizações de atos de fala diretivos para solicitações nesses diálogos analisados. As interações observadas se dão entre desconhecidos em contexto profissional, majoritariamente, com exceção de uma ocorrência ao telefone fora da atmosfera de trabalho. Deste modo, a atenuação com a utilização dos desatualizadores funciona como uma tática de distanciamento, uma vez que ao referir-se a alguém com quem há uma aproximação, a necessidade de atenuação diminui. Os desatualizadores modal e temporal criam distanciamento do tempo da enunciação, atenua a rigidez do tempo presente e distancia o falante do receptor, mas, neste caso, fatores como hierarquia e papéis sociais estão envolvidos nessas escolhas.

Dos 7 diálogos analisados, 6 têm a solicitação emitida pelo cliente em direção ao profissional e 2 deles do profissional em direção ao cliente. Como exemplo, o diálogo “Na recepção de um hotel” (p.51) que acontece no contexto de hotelaria, o recepcionista pede os documentos ao cliente: “Poderia mostrar-me também algum documento de identidade, por favor?”, além do desatualizador modal, há o emprego do moderador “por favor” e também o uso do pronome em posição de ênclise que confere ao enunciado formalidade e distanciamento.

Nas ocorrências em que o ato diretivo é emitido pelo cliente, apenas no diálogo “Ao

---

telefone” (p.91) é adicionado o “por favor”: “Gostaria de falar com o gerente, por favor!”. Outras 4 ocorrências desse tipo não foram atenuadas com moderador, mas observamos que o uso do desatualizador modal já revela polidez e distanciamento nos casos em que os interlocutores não têm familiaridade.

Em outro exemplo do diálogo “Ao telefone” (p.91): “Queria falar com a Marisa”, ao emitir a solicitação, o locutor usa o desatualizador temporal, e essa escolha pela forma “queria” demonstra menor distanciamento entre os participantes da comunicação e menor grau de polidez se comparada à forma “gostaria”. Ao optar pela estrutura “queria”, “o falante faz uma solicitação de forma polida, mas sem ser tão cerimonioso ou formal e sem mostrar uma preocupação tão intensa em salvar a sua face” (REBELLO, 2014, 1145).

No diálogo “Num estande de vendas” (p.83), o desatualizador modal vem acompanhado do minimizador: “Gostaríamos de dar uma olhadinha nos apartamentos e nas condições de pagamento”, o que confere maior grau de polidez e atenuação do ato diretivo de solicitar. E, nos diálogos “Uma entrevista” (p.131) e “Pedindo informações pelo telefone” (p.67), o desatualizador modal é usado na construção de um pré-pedido: “Gostaria de pedir informações sobre o seminário da próxima semana” e “Gostaria de pedir que você fizesse uma redação”.

### *Fale Português*

No livro *Fale Português* há 6 diálogos com 6 formulações com desatualizador modal (“gostaria”) e apenas 1 com temporal (“queria”). O uso dos desatualizadores modal e temporal configura polidez e distanciamento e, nos exemplos, é frequente seu uso em interações entre desconhecidos e em contexto de atendimento profissional.

No diálogo “Escolhendo roteiros turísticos” (p.84) a interação se dá entre o cliente e o recepcionista de um hotel: “gostaria de fazer uma reserva”, e no diálogo “Fazendo a reserva” (p.91) entre a cliente e a recepcionista de um restaurante: “eu gostaria de fazer uma reserva” e “gostaria de levar um bolo”.

Nos exemplos de interação entre pessoas conhecidas há um distanciamento desnecessário entre os participantes, seria uma polidez que não combina com o grau de familiaridade entre os interlocutores. Já no diálogo “Fazendo o pedido” (p.91): “queria provar um coquetel chamado ‘meia de seda’”, o uso do desatualizador temporal, ao contrário, cria um menor distanciamento entre as amigas do que o uso de “gostaria”, observado em outros exemplos. E, por último, no

---

diálogo “Deixando e recebendo recados (p.34)”, a esposa diz ao marido: “gostaria de saber qual é a desculpa para o seu atraso”, o desatualizador modal, neste caso, implica ironia. Assim, vale lembrar que o significado dessas formulações nem sempre é fixo, e que “como a função que as expressões linguísticas exercem em um contexto específico e com objetivos específicos, o significado pode, por conseguinte, variar, dependendo do contexto em que a palavra é utilizada e do propósito deste uso” (BODOLAY, 2009, p.34).

### 6.3.2. Desatualizador pessoal

O uso do desatualizador pessoal configura uma estratégia de apagamento da referência ao locutor e é uma maneira de proteger a face positiva do falante, ou seja, seu desejo de ser apreciado e aprovado, portanto distante do papel “autoritário”, e, ao mesmo tempo evitar a ameaça da face negativa do ouvinte, que é a sua necessidade de autonomia e liberdade. Deste modo, quando se utiliza uma estrutura construída com o desatualizador pessoal, a solicitação é feita, mas o locutor utiliza esta estratégia para “autoprotoger-se do que é dito ou não dito, feito ou não feito” (BRIZ, 2013, p.286 e 287).

#### *Bem Vindo*

No livro *Bem Vindo* encontramos somente uma realização com uso do desatualizador pessoal. Observamos que a construção do diálogo “No correio” (p.61), por se tratar de uma relação de não familiaridade entre os participantes, é construída de maneira formal, os atos diretivos que aparecem são atenuados: “só falta assinar aqui”, além do desatualizador pessoal, ao mesmo ato foi somado um minimizador “só”, evidenciando a simplicidade de realização da solicitação feita ao ouvinte. Neste caso, o uso do desatualizador pessoal é apresentado como uma alternativa para evitar a repetição do imperativo que já tinha sido utilizado anteriormente no mesmo diálogo.

#### *Fale Português*

A formulação com desatualizador pessoal aparece em 3 diálogos de *Fale Português*. Com o uso dessa formulação, o falante utiliza a forma impessoal para apagar-se ao enunciar um AFD e preservar sua face e a do receptor. No primeiro exemplo, diálogo “Sem título” (p.5), o atendente da lanchonete profere o ato diretivo combinando o desatualizador pessoal e o moderador “por favor”: “É só aguardar ao lado, por favor”, evitando enunciar uma ordem direta com imperativo e,

ao mesmo tempo, atenuando o pedido. No exemplo 2, “Deixando e recebendo recados” (p.34), em conversa entre familiares, o locutor diz “para você ir à lavanderia pegar meu terno para a reunião de amanhã” e o exemplo 3, “Escolhendo roteiros turísticos” (p.84), na interação entre o cliente e a recepcionista: “Favor deixar esta reserva em nome de Cristina Almeida”, verificamos que em todos os casos, o locutor ao enunciar o ato de fala diretivo para solicitar algo, protege sua face positiva, o desejo de ser aprovado, como também a face negativa do ouvinte, o desejo de manter sua autonomia.

#### 6.4. Discussão

Após a análise dos dados, chegamos aos resultados que serão discutidos neste tópico. Nossa questão inicial busca responder quais são as estratégias de atenuação para atos de fala diretivos de solicitação e verificar os procedimentos substitutivos utilizados na formulação desses atos nos diálogos impressos nos materiais didáticos.

A formulação imperativa no PB, apesar de ser uma forma mais econômica, ameaça a face tanto do locutor quanto de receptor, portanto, tende a ser atenuada ou substituída por formulações mais suaves. Nesta pesquisa, analisamos a atenuação por meio de procedimentos substitutivos, ou seja, formulações que são empregadas nas solicitações para evitar formas mais diretas.

A formulação interrogativa é uma alternativa para essas formas diretas, muito produtiva em diversos idiomas, e no PB não é diferente. Porém, no *corpus* de análise as ocorrências deste tipo de formulação foram poucas (6 ocorrências no BV e 3 ocorrências no FP). Kerbrat-Orecchioni (2005, p.90) se questiona o porquê de optarmos pelas formulações interrogativas face às imperativas, e afirma que essa preferência se dá porque “a ordem parece menos coercitiva quando se enuncia sob a aparência de uma pergunta”, constituindo o que a autora nomeia como “eufemismo sintático”.

A baixa quantidade deste tipo de formulação nos corpora motiva uma reflexão acerca da falta de aproximação entre o que é encontrado nos diálogos impressos nos materiais e a orientação discursivo/pragmática real do dia a dia das interações na língua. Como nosso *corpus* é a representação escrita da comunicação dialogada para fins de aquisição de língua, a formulação interrogativa seria esperada em uma quantidade maior de ocorrências.

No PB, é muito comum que este tipo de formulação interrogativa substitua o uso dos moderadores “por favor” e “por gentileza”, sem prejuízo da polidez e o mesmo pode ser dito do

---

uso da prosódia em geral no PB, já que “pela entonação se torna o pedido mais cordial do que com a expressão lexicalizada que dá a sensação de formalidade burocrática e pode, em certos contextos, soar falsa” (MARCUSCHI, 2003, p.34).

As formulações assertivas são um caso à parte. A depender do tipo de asserção, estas podem ser estruturadas de maneira mais ou menos atenuada/suavizada. Como podemos observar no corpus, as asserções podem apresentar-se de maneira mais direta, como as iniciadas com “Eu quero”, atenuadas, combinadas com os desatualizadores modais ou temporais (gostaria/queria) ou como uma declaração. Para serem entendidas como solicitações, estas contam com a inferência feita pelo ouvinte. Observamos poucas realizações mais diretas e sem atenuação (2 em BV e 3 em FP), demonstrando que em ambos privilegiou-se a forma atenuada.

Os desatualizadores foram observados no *Bem Vindo* em contextos de interação de maior distanciamento entre os participantes. Já no livro *Fale Português* estes mesmos procedimentos foram utilizados em situações familiares e de maior proximidade entre os interlocutores, revelando uma polidez excessiva.

Na categoria dos desatualizadores, observamos diferentes graus de atenuação. Os desatualizadores modais como uso do “gostaria” e “poderia” revelam um alto grau de polidez, o desatualizador temporal “queria” é observado em situações de maior proximidade entre os falantes e, por último, o desatualizador pessoal se mostrou nos exemplos observados, como uma maneira de autoproteção da face e fuga do teor impositivo de um ato de fala mais direto. Observamos que os diálogos dos materiais apresentam as formulações e atenuações dos AFDs sem contextualizar a forma e a função destes atos, uma vez que os desatualizadores são apresentados como maneiras polidas de se pedir algo a alguém, mas não é mostrada aos estudantes a função de distanciamento que este tipo de formulação carrega em si, assim, ao representar uma conversa entre amigos e familiares com este tipo de formulação, não se leva em consideração as funções pragmáticas, como contexto, relação entre falantes e etc.

A tabela a seguir esquematiza os resultados quantitativos da análise:

Item	Bem Vindo	Fale Português
Número Total de Diálogos	40	24
N. de diálogos com AFD para solicitações (Ordens e Pedidos)	29	15
Quantidade de AFD para solicitações (Ordens e Pedidos)	91	51
Tokens de estratégias atenuadoras – contagem geral	108	49
Tokens de ordens e pedidos – procedimentos acompanhantes	57	16
Tokens de ordens e pedidos – procedimentos	51	32



substitutivos		
Formulação interrogativa	3	6
Formulação com uso de asserções	17	14
Formulação com uso de desatualizadores modal/temporal	12	7
Formulação com uso de desatualizador pessoal	1	3

TABELA 1 - Visão geral das dos atos de fala encontrados, formulações e estratégias de atenuação

## Conclusão

Nesta pesquisa analisamos as estratégias de atenuação dos atos de fala diretivos para solicitações por meio de procedimentos substitutivos impressos em diálogos de dois livros didáticos de PLE, *Bem Vindo: a língua portuguesa no mundo da comunicação* e *Fale Português*, ambos produzidos pelas mesmas autoras. A primeira edição do *Bem Vindo* é de 1999 e a primeira edição de *Fale Português* é de 2016. Observamos se entre os materiais há diferenças no tratamento da atenuação, quais os procedimentos mais utilizados e se há menção aos aspectos pragmáticos que envolvem o processo da polidez e atenuação.

Sobre os procedimentos de atenuação, levantamos a hipótese de que a formulação interrogativa seria mais produtiva pelo fato de sua maior convencionalização na língua e por ser muito utilizada pelos falantes como estratégia de atenuação substitutiva de formas mais diretas, como a imperativa. Ao fim de nossa análise, constatamos que nossa hipótese não se confirma totalmente, pois a estratégia de maior produtividade foi o uso das asserções em ambos os livros.

Um ponto de divergência entre os dois materiais didáticos analisados é que no *Fale Português* há um emprego equilibrado das formas atenuadas por meio dos desatualizadores modal/temporal e interrogativas, mas ainda assim em quantidade menor que as asserções.

Os resultados da pesquisa mostram que outros aspectos pragmáticos não receberam a devida atenção nos dois materiais, como por exemplo a falta de associação entre o grau de familiaridade dos participantes da interação e sua influência no grau de polidez e atenuação, pois houve emprego de desatualizadores modal/temporal em contextos nos quais não caberia a estratégia de distanciamento e polidez excessiva.

Ao comparar os livros *Bem Vindo* e *Fale Português* é notável que o manual de publicação mais recente apresenta uma variedade maior de formulações e aponta para uma busca, ainda em desenvolvimento, de aproximação com as estratégias efetivamente observadas no uso cotidiano

da língua. Porém, já revela maior consciência de que o ensino e aprendizado de idiomas precisam estar alinhados às pesquisas sobre a língua em seus diversos usos.

Uma das reflexões que esta pesquisa propicia, por meio da análise das formulações e estratégias de atenuação dos atos de fala diretivos para solicitações, é que os materiais didáticos direcionados para ensino de língua estrangeira devem dar maior atenção não apenas aos aspectos da forma, mas, principalmente, da função dos atos de fala, atentando para diferentes situações de uso, relações interpessoais e possibilidades de realização desses atos para além do que é o paradigma gramatical. Ao abranger com propriedade conteúdos pertinentes à pragmática, os materiais seriam uma fonte mais completa e capaz de oferecer insumos mais eficazes para o propósito comunicativo.

## **Referências**

---

AUSTIN, J. Quando dizer é fazer. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Editora: Artes Médica, 1990 (1962).

BRIZ, A., Silva, L. A. da, Andrade, A. M. de, & Blanco, R. C. H. C. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. *Linha D'Água*, 26(2), 2013, p. 281-314.

BROWN, P. Politeness and impoliteness. In: HUANG, Y. *The Oxford Handbook of Pragmatics*. Oxford University Press, 2017.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in Language usage*. 2ª ed., Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, S.A (Orgs). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1980.

KEPP, M. *Sonhando com Sotaque. Confissões e desabafos de um gringo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação - Princípios e Métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os atos de linguagem no discurso*. Niterói: EdUFF, 2005.

MARCOS, P.M.; PINHEIRO-CORREA, P. Atenuação de atos de fala diretivos em livros de PLE: os procedimentos acompanhantes. *Lingvarum Arena*, 12, 2021(a), p.185-197.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da oralidade descuidados, mas relevantes para o ensino de português como segunda língua. In: Gärtner, E; Herhuth, M.J.; Sommer, N.N. *Contribuições para a didática do português língua estrangeira*. Frankfurt: TFM, 2003.

MEYER, R. M. B. Questões interculturais entre o português do Brasil e o espanhol latinoamericano. In: *Simpósio sobre o ensino de Português para falantes de espanhol*, 3, Campinas: Unicamp, 2008.

OLIVEIRA.M.C.L. Manda quem pode. Ou quem não tem juízo. Um estudo de diretivos no discurso empresarial brasileiro. In HEYE, Jürgen. (org.) *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PONCE, M.H. de; BURIM, S. R.B. A; FLORISSI, S. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. 8 ed. São Paulo: SBS, 2010.

PONCE, M.H. de; VERSA, M. L; BURIM, S. R.B. A. *Fale Português*. Vol.1. São Paulo: Hub Editorial, 2016.

SEARLE, J. R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (1969).

\_\_\_\_\_. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

WIDDOWSON, H.G. *O ensino de línguas para a comunicação*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

---